

A imigração norte-americana e a implantação do protestantismo em Americana e Santa Bárbara d'Oeste, SP.

Ailton Gonçalves Dias Filho¹

RESUMO

De 1866 a 1890 uma boa leva de imigrantes norte-americanos emigrou para o Brasil. Eram os Confederados que, desgostosos com o pós-guerra nos Estados Unidos, partem em busca de uma terra onde pudessem reconstruir suas vidas. Boa parte destes imigrantes fixou residência na região de Campinas, SP, nas cercanias da cidade de Santa Bárbara d'Oeste, SP. A presença destes imigrantes, de maioria protestantes, acaba contribuindo para a implantação e expansão do protestantismo na região. A cidade de Americana, no interior de São Paulo, surge a partir desta presença. A religião, a agricultura e a educação serão afetadas a partir desta presença.

Palavras-chave: Imigração norte-americana. Confederados.

ABSTRACT

From 1866 to 1890 a fair number of immigrants from North America came to Brazil. They were the confederates that were dissatisfied with the postwar situation in the United States of America and left the country in search of a new land where they could restart their lives. Many of these immigrants have settled down in the region of Campinas, São Paulo and in the surroundings of Santa Bárbara d'Oeste, also in São Paulo. The presence of these immigrants, mostly protestant, end up contributing to the implantation and expansion of protestantism in the region. The city of Americana, in the inland of the state of São Paulo emerge from this presence. Religion, farming and education would be affected by this presence.

Keywords: North American immigration. Confederates.

¹ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, SP; professor do Centro de Diocesano de Teologia – Diocese de Limeira, SP.

Introdução

Pouca gente tem conhecimento de uma imigração norte-americana ocorrida entre os anos de 1866 a 1890 para o Brasil. É um tema pouco explorado pela literatura acadêmica. Esta imigração iniciou-se a partir de 1866, após o fim da guerra da secessão nos Estados Unidos de América. Partindo dos portos de Galveston, Texas, New Orleans e, mais tarde, New York, a grande maioria dos imigrantes chegou em 1866; porém, alguns vieram até 1890. Não há dados precisos sobre o número destes imigrantes. Estima-se um número de 3.000 a 10.000 pessoas.

Este artigo se limitará ao grupo de imigrantes que fixaram residência na região das cidades de Americana e Santa Bárbara d'Oeste, região metropolitana de Campinas, no interior do Estado de São Paulo. Pretende-se demonstrar as origens e o desenvolvimento de tal imigração, evidenciando sua contribuição na formação e implantação do protestantismo na referida região.

Trabalharemos com duas vertentes temáticas e teóricas: imigração/identidade étnica e religiosidade/identidade religiosa. Da Antropologia Social usaremos autores das teorias da identidade, como Roberto Cardoso de Oliveira que, em 1976, publicou *Identidade, etnia e estrutura social* (São Paulo, Pioneira, 1976). Nesta obra ele mostra o resultado inovador do projeto da “fricção interétnica”, no qual a identidade social era considerada como ideologia contrastiva. Há também Manuela Carneiro da Cunha que, em 1986, publicou *Etnicidade: da cultura residual, mas irreduzível* (in: *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*, São Paulo, Brasiliense; Edusp, 1986). Nesse texto, como o próprio nome indica, a identidade é considerada *residual*, porém, *irreduzível*. Ou seja, há identidade desde que algum traço cultural permaneça irreduzível no tecido social. Esse traço cultural pode ser na língua, na comida, nos costumes e no vestuário; porém, é necessário permanecer alguma dimensão cultural para poder, a partir dela, perceber a identidade.

A diversidade do campo religioso brasileiro é um fenômeno facilmente perceptível por qualquer observador, acadêmico ou não. Todavia, pode-se afirmar com segurança que, do ponto de vista científico, é pouco analisado. Vários fatores respondem por esse desinteresse acadêmico, como a subalternização do tema religioso nas agendas de nossos estudiosos, preocupados em não “contaminar” o procedimento

acadêmico com os domínios ligados à religião institucional ou não. Em outras palavras: “fidelidade” aos ideais laicos cultivados pelas universidades dedicadas à pesquisa, em geral, públicas. Só em anos recentes este quadro vem se alterando, notadamente com a criação de cursos de pós-graduação em Ciências da Religião. São cursos, em geral, pluridisciplinares, que procuram contemplar a diversidade religiosa brasileira, em suas manifestações fenomenológicas.

O presente artigo pretende dar a conhecer uma face dessa diversidade religiosa na medida em que reflete em alto grau a nossa diversidade étnica – quase sempre produtos do contato do imigrante com a vida brasileira – a partir do século XIX; ou então, às vezes, ela tem como nascedouro grupos, como negros e índios, que compõem, à sua maneira, a multifacetada paisagem étnica do país, sem estarem ligados a fenômenos migratórios.

De tudo que tem se escrito sobre a imigração norte-americana, o principal texto que relata com detalhes a imigração é o livro de Judith Jones: *Soldado descansa! Uma epopeia americana sob os céus do Brasil*. Este livro é fonte primária para a maioria das pesquisas que tratam sobre este movimento migratório. Jones retrata desde a precariedade do sul dos Estados Unidos no pós-guerra, até os percalços das viagens e a chegada num Brasil Imperial.

Outro texto importantíssimo para se entender os meandros desta imigração é o de John C. Dawsey, Cyrus B. Dawsey e James M. Dawsey: *Americans – imigrantes do velho sul no Brasil*. Este livro já retrata de forma acadêmica a imigração norte-americana. Apresenta reflexões sobre o significado deste movimento migratório: seus vários aspectos, suas influências e sua relevância.

Ao longo do artigo nos referiremos a outras obras interessantes sobre esta imigração.

A emigração norte-americana para o Brasil

Quem assiste aos telejornais, volta e meia ouve uma notícia sobre a prisão de migrantes ilegais para os Estados Unidos da América. Ainda é grande o número de brasileiros que se aventuram a mudar de vida, buscando outra oportunidade na outra América.

A grande maioria das pessoas não sabe que no século XIX, por um curto período de tempo, aconteceu o inverso. Este fato ocorreu logo após o término da Guerra Civil Americana, entre os anos de 1861 a 1865. O estopim desta guerra foi aceso, precisamente em 20 de dezembro de 1860, na véspera da posse de Abraham Lincoln, quando o Estado da Carolina do Sul declarou secessão, rompendo com o governo da União. Posterior a este ato, outros Estados acompanharam o exemplo da Carolina do Sul, formando assim, os Estados Confederados da América.

Em 16 de fevereiro de 1861, o senador Jefferson Davis, senador do Estado do Mississippi, é declarado formalmente presidente da nova república. A precipitação da guerra não foi este desligamento em si, mas o ataque a tropas do exército dos Estados Unidos ao forte Sumter, na Carolina do Sul, em abril de 1861. Três dias após este ataque, Lincoln declara guerra aos Estados Confederados. Esta guerra produziu o maior número de mortos que qualquer outro conflito em que os Estados Unidos se envolveram. O sul ficou completamente em ruínas.

O que esta em jogo nesta guerra? Dawsey assevera que “não é preciso dizer que a Guerra Civil dos Estados Unidos irrompeu em torno da questão da escravidão, no embate da economia escravagista do Velho Sul com a economia industrializada no Norte” (DAWSEY, 2005, p. 19).

O período do pós-guerra, por vezes, é pior que a própria guerra. A situação do sul era desoladora. Jones registra a caótica situação do sul nessa época, sugerindo que o agravamento da situação se deu também devido ao assassinato do Presidente Lincoln, em 14 de abril de 1865, cinco dias depois de assinada a rendição das tropas confederadas na cidade de Appomattox. No lugar de Lincoln assumiu a presidência Andrew Johnson (1808-1875). Sua política de reconstrução foi um desastre para o sul. Afirma Jones: “O controle das instituições foi posto na mão dos negros e aventureiros e começa o período de reconstrução que durou dez anos” (JONES, 1976, p. 49).

No período pós-guerra o sul foi submetido a todo de humilhação. A situação social e econômica era a pior possível. Harter descreve a ação militar, com seus comandados, contra a cidade de Meridian, no Estado do Mississippi: “Durante cinco dias, 10 mil homens trabalharam vigorosamente naquela tarefa de destruição com machados, pés-de-cabra, marretas e fogo, e não hesitei em declarar o trabalho bem feito. Meridian, com seus depósitos, armazéns, arsenal, hospitais, escritórios, hotéis e quartéis, não existe mais” (HARTER, 1985, p. 18).

Harter ainda registra o depoimento em diário de uma senhora do sul, descrevendo os horrores do final da guerra: “Dois dias antes da rendição do General Lee, uma senhora sulista escreveu em seu diário: ‘a guerra está caindo sobre nós, vinda de todos os lados. Temos que os tempos vindouros sejam ainda piores do que os que tivemos até aqui... Ninguém parece ter dúvidas quanto a isto e todos estão dispostos a se entregar ao desespero. O sentimento público está passando por uma completa revolução. Ninguém se refere mais à ajuda da França e da Inglaterra, mas falam sobre a imigração para o México e para o Brasil” (HARTER, 1985, p. 20).

Diante de um quadro assim, surgia naturalmente a pergunta: valeria a pena recomeçar a vida ali, naquelas terras? Não seria melhor começar em outras terras, debaixo de outras condições?

Vale lembrar que ainda no pós-guerra, o próprio sul estava sendo colonizado, de maneira que perdurava o espírito de migração e colonização. Goldman cita a validade da hipótese do historiador Lawrence F. Hill, segundo a qual “o movimento migratório para o Brasil teve relação definida com o anterior período de movimentos migratórios dentro do próprio Estados Unidos (ainda o caso do ‘Destino Manifesto’)” (GOLDMAN, 1973, p. 47).

Começa, então, o movimento migratório no sul. Muitos foram para o Oeste, outros para o México, outros para as Antilhas, alguns até para o Egito (JONES, 1967, p. 51). No Brasil a grande maioria de imigrantes norte-americanos chegou em 1866. Contudo, a imigração se estendeu até o ano de 1890. Dawsey afirma que “quando os exilados confederados deixaram os Estados Unidos, em meados da década de 1860, eles estavam reagindo a uma combinação de fatores e condições de ‘atração e expulsão’, alguns reais, outros imaginários” (DAWSEY, 2005, p. 49).

Assim, a insatisfação dos sulistas americanos com a situação do pós-guerra uniu-se aos planos do Império do Brasil de importação de mão de obra especializada no cultivo do algodão. O conhecimento dos sulistas sobre o Brasil era quase inexistente. Algo que ajudou a desfazer esta situação foi a obra de Daniel Parish Kidder² e James

² Daniel Parish Kidder (1815-1891). Foi um missionário metodista norte-americano. Esteve no Brasil em duas oportunidades, de 1833 a 1837 e de 1840 a 1842, em viagem de propaganda evangélica pelo nordeste e Amazônia. Em 1842, com o falecimento de sua esposa, no Rio de Janeiro, regressou aos Estados Unidos. Foi uma figura importante nos primórdios do protestantismo brasileiro. Escreveu o livro “Reminiscências de viagens e permanência no Brasil”, publicado em 1845, um clássico que despertou grande interesse pelo Brasil.

Cooley Fletcher³: *Brazil and the Brazilians* (“O Brasil e os brasileiros”), publicada alguns anos antes da guerra, em 1857. Principalmente no sul, o livro teve boa aceitação. O que resultou em novas edições da obra: 1866, 1867, 1868. Nessas reedições foi incluído um capítulo especial voltado para os imigrantes.

Percebe-se que a imigração para o Brasil não foi algo resolvido de bate-pronto. Foi algo calculado e planejado, pesando os prós e os contra. Kidder e Fletcher, no capítulo especial para os imigrantes, apresentam a seguinte orientação do governo imperial do Brasil: “O governo venderá terras em qualquer de suas colônias ou nas localidades que os imigrantes preferirem, e lhes dará transporte gratuito do Rio de Janeiro ao seu porto de desembarque. Feita a escolha das terras e sua medição, as escrituras definitivas das propriedades lhes serão entregues mediante pagamento de 1 a 2 réis por braça quadrada” (*Apud* JONES, 1967, p. 58).

Depois de Kidder e Fletcher vieram outros exploradores ao país com o objetivo de descrever o país para os possíveis imigrantes. Dentre estes, destacam-se o General William Wallace Wood, Dr. James McFadden Gaston, Rev. Ballard S. Dunn, Frank McMullan e William Bowen. Wood viajou para o Brasil em 1865, em nome de cerca de 600 fazendeiros do Mississippi e Louisiana. Gaston, na mesma época, explorou a província de São Paulo por conta de algumas famílias da Carolina do Sul. Publicou nos Estados Unidos o livro *Hunting a Home in Brazil* (“Procurando um lar no Brasil”) (HARTER, 1985, p. 51). Dunn, ministro episcopal que em 1866 fez viagem semelhante. McMullan e Bowen viajaram durante cinco meses pelo Brasil com o mesmo objetivo (DAWSEY, 2005, p. 54). Harter ainda oferece os nomes de outros exploradores (HARTER, 1985, p. 52). O relato desses descrevia a geografia física e demográfica do Brasil, sendo publicada em maio de 1866. Este relato, mais tarde, foi incluído em outro livro chamado *Brazil, Home for Southerners* (“Brasil, lar para os sulistas”), de autoria do Rev. Ballard S. Dunn.

Esses exploradores estavam sempre a serviço de organizações voltadas para a imigração. Jones informa-nos da criação da *Southern Colonization Society*, em setembro de 1865, organizada com o fim de propagar a emigração (JONES, 1967, p. 59).

³ James Cooley Fletcher (1823-1901). Pastor presbiteriano, capelão dos marinheiros que aportavam no Rio de Janeiro. Chegou ao Brasil em 1851.

O Brasil naqueles tempos vivia grande efervescência política. O imperador Dom Pedro II sentia a pressão do Partido Liberal exigindo do governo algumas mudanças. As exigências giravam em torno de uma maior representação no governo, abertura da Amazônia para exploração e para o comércio exterior; gradual libertação dos escravos e reconstrução do sistema trabalhista numa base nacionalista. Certamente, a imigração ajudaria a resolver os dois últimos problemas. A pressão do Partido Liberal foi tanta que conseguiram, a 27 de setembro de 1860, a aprovação da Lei da Imigração. De forma resumida a Lei registrava: “O governo olha com bons olhos colônias independentes que queiram se estabelecer no Brasil. Os grupos já estabelecidos receberiam ajuda na forma de estrada, escolas e igrejas. As terras seriam demarcadas e providenciado um abrigo provisório, os navios estrangeiros seriam bem recebidos em portos brasileiros...” (JONES, 1967, p.59).

Para Harter, o Brasil “empolgou os Confederados” por algumas razões. Uma delas devido ao seu tamanho com uma grande variedade de climas, semelhantes ao dos estados do sul onde eles viviam. Outra razão foi a maneira como estava sendo abolida a escravidão, pacífica e adequadamente. “Numa atitude compreensível, os imigrantes estavam interessados nos métodos empregados para eliminar aquele costume” (HARTER, 1985, pp. 38,39). Para Harter, a informação de que o Brasil havia “igualdade racial” não serviu para desencorajar os emigrantes. Segundo ele, para os Sulistas “era melhor conviver com negros do que com os ianques” (HARTER, 1985, p. 38).

O caminho da imigração estava pavimentado. De um lado os Sulistas, desgostosos com o pós-guerra e o desfecho da reconstrução de suas vidas e as de suas famílias. Do outro lado, um país precisando de mão de obra especializada para aproveitar a oportunidade que se apresentava. Junte-se a isso a intensa propaganda e o incentivo daqueles que vieram na frente para “espiar” a terra. Esses fatores se encaixavam perfeitamente, favorecendo o movimento de imigração para o Brasil.

Não se sabe o número exato daqueles que preferiram emigrar para o Brasil. Segundo Harter, a quantidade é incerta. A estimativa é de 20 mil sulistas (HARTER, 1985, p. 83).

Assim foram chegando os primeiros imigrantes. Eles foram para vários lugares no país. Um bom número foi para a região do Vale do Ribeira, em Iguape, no litoral do Estado de São Paulo. Outro núcleo de imigrantes se formou na região do Rio Tapajós,

que radicaram-se na cidade de Santarém, no Estado do Pará. Outro, ainda, foi para a região do Rio Doce, no Estado do Espírito Santo. Este grupo não prosperou.

O grupo que é objeto de nossa pesquisa rumou em direção à região de Campinas. Este conjunto de emigrantes foi acrescido pelo grupo que inicialmente foi para Iguape. Mais, tarde, de Santos subiram a serra de Jundiá, por estrada de ferro, constituindo assim o núcleo de Santa Bárbara d'Oeste, SP. Muitos dos imigrantes que vieram após 1868 se dirigiram para o núcleo de Santa Bárbara. Um fator que colaborou com o sucesso da colônia de imigrantes foi a chegada da linha férrea São Paulo-Jundiá que se expandiu, dando considerável impulso à região. A estação da ferrovia, pela presença maciça dos imigrantes, receberia o nome de “Estação Villa dos Americanos”.

Com o passar do tempo esse núcleo passaria a ser chamado “Villa dos Americanos”, mais tarde “Villa Americana”. Hoje, é a cidade de “Americana” que herdou seu nome exatamente pela presença pioneira dessas numerosas famílias na região. Com absoluta certeza, aquelas primeiras famílias jamais sonharam ou pensaram que aquele ajuntamento inicial seria o embrião de uma belíssima e próspera cidade no futuro. E mais, que suas presenças na região e o modo de viveriam sua fé iriam influenciar e contribuir para a implantação de uma nova maneira de ser igreja em terras brasileiras.

A imigração norte-americana e a formação e desenvolvimento do protestantismo em Americana e Santa Bárbara d'Oeste, SP

O protestantismo na região de Americana tem suas origens na imigração norte-americana. Os Sulistas que vieram para esta localidade professavam, em sua maioria, a fé protestante. Jones relata a estranheza dos moradores da região com os imigrantes: “Quando chegou o domingo e ninguém foi à missa, o alarme foi maior. Não deviam ser boa gente” (JONES, 1967, p. 161).

Dawsey afirma que a imigração dos confederados, juntamente com a migração de protestantes europeus, abriram as portas para o protestantismo (DAWSEY, 2005, p. 154). O testemunho cristão e o modo de vida dos imigrantes entre seus vizinhos auxiliaram os próprios missionários na tarefa de proclamação do evangelho. O Rev. George Nash Morton, missionário presbiteriano do sul, registra em um de seus relatórios à Missão: “Que bênção é, nas nossas viagens missionárias, encontrar a

calorosa hospitalidade de conterrâneo cristão; e que fermento em meio à sociedade envolvente...” (*The Missionary (1872)*, citado em DAWSEY, 2005, p. 155). Em termos de identidade protestante, os imigrantes sulistas se distribuíram entre Batistas, Metodistas e Presbiterianos.

Os Batistas

Os imigrantes americanos de origem batista se organizaram em 1871. A organização da primeira igreja Batista surgida em solo brasileiro deu-se em Santa Bárbara d’Oeste, SP, em 10 de setembro de 1871, sob a liderança do pastor Richard Ratcliff⁴. Segundo Oliveira, este pastor passou um bom tempo preparando o grupo de imigrantes e tentando relacionar-se com os brasileiros. Uma das medidas tomada por ele foi registrar-se como Ministro do Evangelho na Secretaria do Império, nos termos do Decreto Imperial número 3.069, de 17 de abril de 1873 (OLIVEIRA, 1985, p. 177).

Correspondências são enviadas à Junta de Missões da Igreja Batista dos Estados Unidos solicitando o envio de missionários para a assistência espiritual ao grupo de imigrantes. Depois de alguma hesitação, o pedido é atendido. Com o passar do tempo e a chegada de outros colaboradores a pequena comunidade foi se estruturando cada vez mais. O protestantismo, de vertente batista na região, deve muito aos esforços missionários desta comunidade pioneira. Atualmente, em Santa Bárbara d’Oeste, SP, existem mais de dez igrejas batistas organizadas. Em muitas delas nota-se ainda a presença dos descendentes dos primeiros imigrantes que aqui chegaram.

Na região, o protestantismo de vertente batista ainda iria se fortalecer ainda mais com a chegada dos letos na região. A vizinha cidade de Nova Odessa, SP, receberia, mais tarde, grande parte dos refugiados oriundos da Letônia. Essa imigração, forçada pela revolução russa na União Soviética contribuiu para a formação e desenvolvimento do protestantismo em Nova Odessa. Os letos eram, em sua grande maioria, protestantes batistas. Talvez não exista atualmente no Brasil uma região com a presença protestante tão forte e tão influente na vida da sociedade como nesta pequena cidade do interior paulista.

⁴ Betty Antunes de Oliveira, em seu livro *Centelha em restolho seco – uma contribuição para a história dos primórdios batista no Brasil* apresenta uma pequena (e única) biografia deste que foi o primeiro pastor batista no Brasil.

Sobre esta contribuição da imigração norte-americana na implantação do protestantismo no Brasil, Goldman afirma que “a ‘invasão’ evangélica do Brasil não foi de início norte-americana, mas a onda de imigrantes norte-americanos deu novas forças á velha ‘invasão’, ou, pelo menos, às forças de ocupação, fracas e dispersas, que surgiram no Brasil quase ao mesmo tempo em que o país foi descoberto” (GOLDMAN, 1972, p. 157). Mendonça faz menção aos “confederados de Santa Bárbara que serviram de atração para a implantação dos batistas na região” (MENDONÇA, 1984, p. 260).

Os Metodistas

Em 1967, a Igreja Metodista do Brasil comemorou seu centenário. O fato que marca a presença do Metodismo no Brasil é a chegada, em 05 de agosto de 1867, no Rio de Janeiro, do pastor Junius Eastham Newman. Ele era pastor da região episcopal do Alabama e membro do grupo que se instalou nas proximidades da propriedade do Coronel William Norris, primeiro confederado a chegar à região de Santa Bárbara d’Oeste. Assim, a Igreja Metodista foi organizada por este ministro no terceiro domingo de agosto de 1871, com nove membros.

Entretanto, é preciso registrar que as atividades metodistas em solo brasileiro não começaram com a chegada de Junius Newman. Bem antes da chegada dos imigrantes norte-americanos, o pastor Fountain E. Pitts foi enviado ao Brasil para “fazer uma investigação sobre as possibilidades de estabelecer um trabalho metodista na América do Sul” (DAWSEY, 2005, p. 182; também LEONÁRD, 1963, p. 42). De fato, depois de conseguir recursos para seu sustento, Pitts chegou ao Brasil em 19 de agosto de 1835. O parecer de Pitts era que o Brasil de fato se constituía num solo fértil para a propagação do evangelho. Depois da viagem de Pitts, chegaram ao Brasil outros dois missionários metodistas com suas famílias: R. Justin Spaulding (1836- 1841) e Daniel P. Kidder (1837-1840). Esses pastores permaneceram no Brasil alguns anos e depois retornaram aos Estados Unidos. O trabalho metodista só voltaria a existir em solo brasileiro em 1867, com a chegada da leva de imigrantes norte-americanos, dentre eles o pastor Junius Newman.

Em 1871, no ato de sua organização, a Igreja Metodista contava com nove membros. Mas, em poucas semanas o número chegaria a trinta imigrantes. Jones registra os nomes dos membros da Igreja Metodista organizada por Newman com 49

membros (JONES, 1967, p. 217). O que aconteceu com os Batistas iria se repetir com os Metodistas. O grupo organizado no Brasil iria se iria solicitar à Igreja Metodista Episcopal do Sul auxílio para o trabalho no Brasil. Newman não escondia seu desejo de ser reconhecido como missionário no país (DAWSEY, 2005, p. 186), o que acabou acontecendo.

Além do reconhecimento dos Metodistas do Sul dos Estados Unidos, Newman também recebeu apoio com a chegada, em 02 de fevereiro de 1876, no Rio de Janeiro, do pastor John James Ransom. Depois de duas semanas este pastor fixa residência entre os imigrantes em Santa Bárbara. Ransom desenvolveu uma estratégia um pouco diferente. Ele não iniciou o contato com a igreja de forma imediata. Preferiu passar um tempo no Colégio Internacional, em Campinas⁵. Sua primeira professora foi a filha de Newman, Annie Ayres Newman. Segundo Dawsey era “moça possuidora de grandes talentos, destacou-se nos estudos e nas atividades de ensino” (DAWSEY, 2005, p. 193). Casou-se com o reverendo Ransom em 25 de dezembro de 1879. Muito dos educandários metodistas no Brasil se deve à influência e ao trabalho incansável desta professora. Sua morte, em julho de 1880, apenas seis meses após seu casamento, foi algo trágico. Seu esposo contraiu pela segunda vez a febre amarela. Annie, depois de cuidar do esposo, também foi atingida pela doença. Ransom teve a saúde restaurada, ela não.

É inegável a importância da presença dos imigrantes confederados na implantação do Metodismo na região. A grande maioria dos pesquisadores do assunto reconhece esta contribuição confederada. Assim foi com os Batistas, assim foi com os Metodistas. A história da formação destas duas denominações cristãs passa pela região de Santa Bárbara d'Oeste e Americana.

Os Presbiterianos

As raízes do presbiterianismo em Americana e da cidade de Americana estão historicamente entrelaçadas (GOBBO, OLIVIERI, RIBEIRO, FERREIRA, 1999, p. 76). A vinda dos imigrantes norte-americanos para o Brasil foi importante no desenvolvimento da obra missionária no país. Ocorria que tanto os imigrantes norte-

⁵ Mais à frente falaremos sobre este educandário, fundado por missionários presbiterianos com o objetivo de providenciar um programa educacional para os filhos dos colonos norte-americanos.

americanos necessitavam de assistência espiritual, como também era um ponto de apoio para o início de novas atividades.

Os imigrantes, depois de terem providenciado alimento e abrigo, trataram de providenciar o estabelecimento do culto religioso e de escolas para seus filhos. Naturalmente que lançavam mão primeiramente dos ministros do próprio culto. Estes faziam o melhor que podiam; contudo, as necessidades dos imigrantes se agigantavam. Doenças eram muito comuns devido às novas condições de vida em clima diferente. A morte estava sempre presente, visitando as famílias, e era comum o desânimo transformar-se em desespero. Era importante o conforto de uma comunidade. Os apelos dos imigrantes confederados às suas igrejas de origem para que enviassem ajuda eram sempre insistentes.

Jones informa que a Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos foi a primeira a responder a esta reclamação por missionário. Em 1866, ano que marca o início da imigração, o Sínodo da Carolina do Sul enviou proposta à Assembleia Geral solicitando que mandasse um ministro ordenado para suprir as necessidades espirituais dos imigrantes sulistas (JONES, 1967, p. 189).

Junto aos imigrantes da colônia de Santa Bárbara, um dos principais pastores foi o reverendo William C. Emerson. Era pastor presbiteriano da cidade de Meridian, Estado do Mississippi. Contudo, Emerson, depois de algum tempo retorna aos Estados Unidos como agente do governo brasileiro para recrutar mais sulistas para emigrarem para o Brasil.

Diante dos apelos insistentes, a Missão Presbiteriana do Sul começa a atender aos pedidos. Assim, o primeiro missionário enviado pela Missão Presbiteriana do Sul foi George Nash Morton. Sua primeira viagem ao Brasil foi só para “estudar” o país, regressando aos Estados Unidos em novembro de 1868. Assim, no dia 22 de junho de 1869, Morton, juntamente com outro missionário, Eduardo Lane, saíram de Baltimore rumo ao Brasil. Os dois serão os responsáveis pela organização do *Colégio Internacional*, em Campinas. Em outubro de 1869, George Morton visita pela primeira vez os imigrantes norte-americanos em Santa Bárbara d’Oeste. Ferreira registra que a organização da Igreja Presbiteriana na região data de junho de 1870 (FERREIRA, 1991, p. 111).

Contribuições e influências

Geralmente uma guerra não contribui com muita coisa para a humanidade. A emigração norte-americana para o Brasil, no século XIX, foi fruto direto do resultado da Guerra da Secessão (1861-1865). Esta guerra, como já foi evidenciado aqui, provocou um número assustador de mortos e feridos. Os prejuízos financeiros oriundos deste confronto são da ordem de 15 bilhões de dólares. Cidades inteiras foram destruídas e feridas foram abertas. Que contribuições podem surgir de uma situação desta? E para o Brasil, terra que acolheu boa parte desses imigrantes? Quais as contribuições os imigrantes fizeram para o progresso econômico e cultural do país?

Percebe-se que essas contribuições e influências existiram. De modo geral elas podem ser observadas em três áreas: religião, educação e agricultura.

Religião

Dawsey registra a opinião de um engenheiro agrônomo, na qual este afirma que as maiores contribuições dos imigrantes norte-americanos para o desenvolvimento do Brasil não se localizavam na agricultura, mas nas suas crenças e valores. Nesta mesma perspectiva, Dawsey registra a afirmação da historiadora Blanche Henry Clark Weaver de que os imigrantes deram contribuições importantes ao país em duas áreas, religião e educação, sendo que nas demais não afetaram o curso da história (DAWSEY, 2005, p.142). Porém, para a região de Americana e Santa Bárbara d'Oeste, a presença dos imigrantes afetou positivamente a região como veremos a seguir.

A religiosidade dos sulistas é inegável. Goldman afirma que os Norris não permaneceram muito tempo sem os seus costumeiros contatos religiosos (GOLDMAN, 1972, p. 98). Jones registra a construção do templo no *Cemitério do Campo*⁶, no ano de 1878. Era um templo simples todinho feito de tábuas, rústica, sem pintura. O telhado era feito de tabuinhas superpostas e amarradas ao madeiramento. A igreja servia a todos, Metodistas, Batistas e Presbiterianos, numa experiência ecumênica (JONES, 1967, p. 249).

⁶ A morte do primeiro imigrante forçou o surgimento deste Cemitério. Na época, os cemitérios eram administrados pela Igreja Católica, igreja oficial do Império. Em muitas situações havia o impedimento do sepultamento de protestantes nestes cemitérios. Motivo de outros Cemitérios "Protestantes" espalhados pelo Brasil.

Percebe-se também como a prática religiosa acabou servindo de meio de congregar e preservar a identidade daqueles primeiros imigrantes. O templo perto de cemitério servia para as reuniões especiais. Jones relata de outra construção de tábuas que os vizinhos do Coronel Norris tinham construído na propriedade dos Moore. Era a *Moore's Chapel* usada também para sala de aula e, aos domingos, usada para a Escola Dominical. Os cultos eram celebrados sempre com a presença de algum pastor (JONES, 1967, p. 251).

Jones afirma que “a história dos americanos é tão intimamente ligada à história da sua igreja que não podemos fazer uma sem fazer a outra” (JONES, 1967, p. 247). Mendonça cita o fato de que quando Aléxis de Tocqueville desembarcou nos Estados Unidos, no ano de 1831, percebeu e descreveu com perspicácia o espírito da religião e da sociedade americana. Em suas observações Tocqueville notou uma multidão inumerável de igrejas, diferentes no culto, mas pregando uma mesma moral e as mesmas obrigações dos homens uns para com os outros. Segundo Tocqueville não era importante que os cidadãos professassem a verdadeira religião, mas que tivessem uma religião. Mendonça ainda faz referência à visita que Max Weber fez aos Estados Unidos no ano de 1904, observando a mesma situação descrita por Tocqueville (MENDONÇA, 1984, p. 64). Em 2009 foi publicado o livro *Uma nação com alma de igreja* com artigos que discutem a influência da religião na sociedade americana, e, de forma específica, na política americana. Os textos retratam as intensas relações da religiosidade com a implementação de políticas públicas nos Estados Unidos. Os sulistas que emigraram para o Brasil carregaram consigo toda esta religiosidade presente na gênese da nação americana.

É inegável que o protestantismo histórico, mesmo iniciado antes do período da imigração, recebeu grande estímulo com a chegada e presença dos imigrantes. O crescimento do protestantismo histórico no século XIX, no Brasil, não pode ser considerado na região fora do contexto da imigração norte-americana. Os imigrantes trouxeram, antes de qualquer coisa, uma maneira diferente de ser igreja e de praticar a religião. Com o passar do tempo, o protestantismo passaria a ser uma alternativa à Igreja Católica Apostólica Romana.

Educação

O protestantismo histórico está entrelaçado com a história de vários educandários espalhados pelo país. Porém, antes da criação de qualquer educandário, os filhos dos imigrantes sulistas permaneceram fora das escolas, de início, por dois motivos. Primeiro, pela própria distância da escola e de suas residências; segundo, pela intenção dos imigrantes de preservar vivos seus costumes, tradição, língua e religião. A saída encontrada pelos imigrantes foi de se encarregarem, eles mesmos, da educação de seus filhos. Neste sentido, a própria Escola Dominical, em ambiente religioso, seria usada como forma de instrução nas primeiras letras. Goldman registra que “na Villa Americana, Mrs. Martha Steagal Norris ensinou as primeiras letras a seus filhos e, mais tarde, o Dr. Robert Norris os preparou em estudos especializados, até que Mr. King, foi contratado para lecionar na comunidade americana em fase de desenvolvimento” (GOLDMAN, 1972, pp. 167, 168).

Forma-se, nesta prática, o embrião das futuras escolas protestantes na região. Era comum o uso do templo religioso para atividades voltadas para o ensino informal das crianças. Assim como era comum, também, o uso do espaço da escola para algum evento religioso. Mendonça chama essas escolas de *Escolas Paroquiais* (MENDONÇA, 1984, p. 101). A grande presença dos confederados na região fez com que este tipo de ensino informal acabasse por ser prioridade, tendo como regra privilegiar a educação familiar envolvendo os membros da própria comunidade de imigrantes. O compromisso assumido era de educar as crianças dos imigrantes na trilha religiosa e também no caminho das primeiras letras (CLARK, 1998, p. 138).

Entretanto, esta prática de ensino informal usando os próprios membros da comunidade não poderia perdurar por muito tempo. Com a chegada dos primeiros missionários para trabalhar com os imigrantes o ensino informal dará lugar à criação dos primeiros colégios. Mendonça mostra que a estratégia missionária dos protestantes não podia prescindir da educação para atingir a sociedade brasileira, “pelas próprias características do protestantismo brasileiro” (MENDONÇA, 1984, p. 111).

Assim, fiéis à tradição, os presbiterianos logo trataram de estabelecer uma boa escola (JONES, 1967, p. 192). Na cidade de Campinas, em 1869, os presbiterianos organizaram o primeiro colégio protestante de toda a América do Sul: o *Colégio Internacional*. Este colégio surgiu no país quando a instrução pública estava muito

atrasada. É notável sua contribuição não só nas mudanças de métodos como na satisfação do ensino. A pedagogia protestante oriundas de suas escolas era progressista e libertadora, com o propósito de emancipar a mente. O ensino para ambos os sexos conjuntamente é contribuição das escolas americanas. À frente do colégio estavam os missionários George Nash Morton e Eduardo Lane. Mendonça aponta que o sistema educacional protestante, introduzido no Brasil na segunda metade do século XIX, “*ainda continua desconhecido na sua índole, objetivos e resultados*”. Para ele, autores como Fernando Azevedo e Jorge Nagle, que fizeram análises profundas do sistema educacional brasileiro, “*limitaram-se a referências de passagem à educação protestante*” (MENDONÇA, 1984, p. 95). Uma pesquisa mais recente, de 1998, é o trabalho de Jorge Uilson Clark, “*A imigração norte-americana para a região de Campinas – uma análise da educação liberal no contexto histórico e educacional brasileiro*”, apresentado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Este trabalho, entre outras coisas, mostra como foi a notável influência na modificação dos métodos didáticos e as forças inovadoras geradas pelos educandários protestantes.

Em 1892, com a epidemia de febre amarela o Colégio Internacional fecha suas portas. Sua abertura, em 1893, deu-se na cidade de Lavras, MG. Atualmente, o *Instituto Presbiteriano Gammon*, na mesma cidade, é o herdeiro de toda a trajetória do antigo Colégio Internacional.

Em julho de 1879, outra escola americana seria organizada na região. Era o *Colégio Newman*, em Piracicaba, SP. As pioneiras na fundação deste colégio são as filhas do reverendo Newman, Annie e Mary Newman, com a ajuda de três assistentes e uma professora de arte, em tempo parcial. Este colégio foi o precursor do *Colégio Piracicabano*. Em 1881, após a morte de Annie Newman, assume a escola a senhora Martha Hite Watts que, com o precioso auxílio dos irmãos Manoel e Prudente de Moraes, impulsionou o avanço da instituição. O colégio deu origem à *Universidade Metodista de Piracicaba* (UNIMEP), reconhecidamente uma das melhores da região, com *campi* em Piracicaba e Santa Bárbara d’Oeste. Ela faz parte da herança da contribuição da imigração norte-americana à região na área da educação.

Também digna de registro, a fundação, na cidade de São Paulo, em 1870, da *Escola Americana*, através de George Whitehill Chamberlain e sua esposa Mary Annesley. Esta escola surgiu a partir da resolução deste casal de abrir uma escolinha em

sua residência que atendesse algumas crianças. Esta escolinha acabou sendo o embrião do que é hoje a *Universidade Presbiteriana Mackenzie*, em São Paulo.

Outra escola tem ligação direta com a imigração dos confederados para a região. Dawsey registra o fato de que alguns dos imigrantes se tornaram administradores de fazendas brasileiras e, como tais, promoveram a expansão da tecnologia americana na agricultura. Destes administradores destaca-se a figura de Lee Ferguson, filho de imigrantes e gerente da fazenda Luiz de Queiroz. Sua fazenda, bem administrada, passou a ser uma fazenda de demonstração. Em 1892, foi doada ao Estado de São Paulo, vindo a ser, mais tarde, a *Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – ESALQ*, da Universidade de São Paulo (DAWSEY, 2005, p. 140). A ESALQ continua sendo atualmente uma das principais escolas técnicas do país.

Agricultura

Os imigrantes sulistas, além da religião e da educação, contribuíram em outra área importante para o desenvolvimento da região: a agricultura. Sarah Bellona Smith Ferguson⁷, uma das imigrantes, afirma que os americanos haviam introduzido os primeiros troles, uvas e arados no Brasil. Ela deu a entender também que os imigrantes de modo geral eram responsáveis por saltos de desenvolvimento, como casas construídas com tijolos, fogões modernos, utensílios de cozinha, camas, travesseiros macios, sapatos, meias e o moedor de carne (DAWSEY, 2005, p. 137).

De fato, a agricultura na região experimentou um grande avanço com a presença dos imigrantes norte-americanos. A maior inovação era a introdução do arado com ponta metálica. Goldman mostra que os sulistas “não vieram ao Brasil em busca de ouro, prata, pedras preciosas ou qualquer outro produto para logo se enriquecerem, mas para construir um lar baseado em empreendimentos agrícolas” (GOLDMAN, 1972, p. 125).

De fato, antes da chegada dos confederados, “a região não tinha adotado o arado, a pá, a grade de agricultor ou o ancinho” (HARTER, 1985, p. 46). Com o arado, o preparo da terra para o plantio ganhava rapidez e mais qualidade. Jones informa que o Coronel Norris “chegou a ganhar dinheiro ensinando outros fazendeiros a técnica do uso

⁷ Sarah Bellona Smith Ferguson – fazia parte dos imigrantes que vieram para o Brasil. Ela produziu um relato da imigração. Este relato foi publicado na íntegra em DAWSEY, 2005, pp. 69-86.

do arado” (JONES, 1967, p. 151). Naqueles tempos o alto preço do algodão no mercado internacional despertou a expansão das plantações de algodão em São Paulo. Era comum os agricultores brasileiros estarem em busca de novas tecnologias. Neste sentido, os imigrantes ofereceram o *know-how* almejado.

Assim, em 1871, a produção de algodão do Estado de São Paulo marcava uma nova época. Nos anos que se seguiram à guerra civil, o sul dos Estados Unidos, embora não tivesse se “reconstruído” politicamente, reassumiu o papel dominante que ocupava no mercado internacional. Porém, na mesma época, o Brasil já havia entrado definitivamente no mercado, tendo o Estado de São Paulo tomado a iniciativa (GOLDMAN, 1972, p. 149).

Além do arado na agricultura, outras pequenas contribuições podem ser creditadas aos imigrantes norte-americanos: a lâmpada de querosene, a máquina de costura, a carruagem, o processo de destilar a cana-de-açúcar para se converter em rum. Eles são responsáveis pela introdução na cultura agrícola brasileira de pelo menos quatro produtos: algodão (espécie *upland*), melancias cascavel e uvas e nozes pecãs.

As sementes de melancia foram trazidas por Joseph Whitaker que, “antes de embarcar, a fim de não ser privado de sua fruta predileta na terra de adoção, abarrotou os bolsos de sementes. As sementes vingaram muito bem no novo solo” (GOLDMAN, 1972, p. 150; também DAWSEY, 2005, p. 141). Em Americana, em alguns lugares públicos é comum ver fotografias antigas do embarque de melancias, milhares delas, na estação de trem. Goldman aponta que, no final do século, quando o algodão, o café, o arroz e a cana, bem como as demais lavouras básicas não granjeavam grandes lucros, “foi a melancia a responsável pelo sustento da comunidade” (GOLDMAN, 1972, p. 150). O cultivo da melancia constituiu numa marca que identificou os confederados na agricultura local (GUSSI, 1997, p. 99).

As pequenas fazendas familiares, no entorno de Santa Bárbara d’Oeste e Americana, permaneceram bem até meados do século XX e ali os imigrantes deixaram suas marcas. Não criaram muitas novas indústrias, mas deram sua contribuição para as que existiam. Goldman registra que “por muitos anos Santa Bárbara e Americana serviram de centro industrial e comercial de arados e de equipamentos para lavoura” (GOLDMAN, 1972, p. 145).

As novidades locais – fábrica de arados na cidade, as descaroçadoras de algodão, os vagões lotados com a produção de melancias, o pão de milho (*cornbread*), casas com

janelas de vidro e chaminés de tijolos – passaram a fazer parte do patrimônio cultural da região e, assim como as heranças de imigrações de outras etnias, alguns desses elementos foram incorporados à cultura brasileira. Segundo a observação de Mrs. Julia Norris Jones, “terras férteis e trabalho árduo trouxeram felizes resultados” (GOLDMAN, 1972, p. 139).

Considerações finais

Quinze anos antes da chegada dos imigrantes a “Villa de Santa Bárbara” era considerada uma freguesia ligada ao município de Piracicaba, SP. Três anos depois da chegada dos imigrantes (1869), a pequena vila foi emancipada, através da Lei Provincial número 2, de 15 de junho de 1869 que criava oficialmente o município de Santa Bárbara, com território desmembrado do de Piracicaba. Todas as colônias americanas estabelecidas em várias partes do Brasil fracassaram. A única que deu certo não era considerada uma colônia oficial. O pequeno agrupamento de imigrantes confederados que se estabeleceu no interior do Estado de São Paulo manteve-se e alcançou êxito na busca de uma terra de refúgio. É verdade que, com a assimilação deste pequeno grupamento de imigrantes americanos na cultura brasileira, muitos pesquisadores têm a falsa ideia de que a imigração norte-americana foi um fracasso. Percebemos o contrário. A assimilação ocorrida é fator de sucesso. Os imigrantes que fracassaram não foram os que aqui se estabeleceram. Foram aqueles que voltaram aos Estados Unidos.

Ademais, a assimilação ocorrida com os imigrantes não foi de eliminação. Porém, adquiriu nova função. Tanto Santa Bárbara d’Oeste como Americana receberam a influência da presença dos imigrantes. No caso de Americana até no próprio nome que recebe o município. Para se explicar a origem do nome é necessário se reportar à imigração norte-americana.

O protestantismo se beneficiou com a presença dos imigrantes. Em 1870, em pleno Império Monárquico, uma igreja com treze famílias e dois pastores poderia ser considerada uma “mega-igreja”. Isto dentro do presbiterianismo. Dentro das comunidades batistas e metodistas a história é a mesma. A igreja metodista que se formou na região era maior ainda em números de membros.

Michael L. Conniff (in: DAWSEY, 2005), afirma que os sulistas americanos no Brasil intercambiaram sua cultura e estilos com a cultura brasileira. Deste intercâmbio

surgiu uma comunidade verdadeiramente híbrida. Creio que este hibridismo cultural da comunidade de descendentes ainda é um tema rico para futuras reflexões sobre o tema.

Harter (1985) sugere que o plano dos imigrantes de se isolarem e estabelecer agrupamentos que preservassem os costumes sulistas resultaria numa Confederação mental. Creio também que isso poderia ser mais bem explorado em outras pesquisas sobre a imigração norte-americana.

REFERÊNCIAS

CLARK, Jorge Uilson. **A imigração norte-americana para a região de Campinas: análise da educação liberal no contexto histórico e educacional brasileiro.** Dissertação de Mestrado, Campinas, SP, Unicamp, 1998.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade.** São Paulo, SP: Editora da USP, 1986.

DAWSEY, James M. **Americans – imigrantes do velho sul no Brasil.** Piracicaba, SP: Editora Unimep, 2005.

FERREIRA, Júlio Andrade. **História da igreja presbiteriana do Brasil.** São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 1992.

GOBBO, Célia, OLIVIERI, Fanny, RIBEIRO, Maria José Ferreira de Araújo, FERREIRA, Melquisedeque. **Preservando nossa história.** Publicação do município de Americana, 1999.

GOLDMAN, Frank P. **Os pioneiros americanos no Brasil (educadores, sacerdotes, covos e reis).** São Paulo: Pioneira, 1972.

GUSSI, Alcides Fernando. **Os norte-americanos (confederados) do Brasil – identidades no contexto transnacional.** Campinas: Unicamp, 1997.

HARTER, Eugene C. **A colônia perdida da confederação.** Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1985.

JONES, Judith Mac Knight. **Soldado descansa! uma epopeia norte-americana sob os céus do Brasil.** São Paulo: Edições Jarde, 1967.

LEONARD, Emile G. **O protestantismo brasileiro.** São Paulo, Aste: 1963.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir – a inserção do protestantismo no Brasil.** São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social.** São Paulo: Pioneira, 1976.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Pioneira, 1994.